



GT22 - Educação Ambiental – Trabalho 679

## A ANÁLISE DO DISCURSO PEDAGÓGICO DA DIALOGICIDADE NA EXPERIÊNCIA COM OUTRAS EPISTEMOLOGIAS: DEMANDAS DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA

Helder Sarmiento Ferreira – UFRRJ

Agência Financiadora: CAPES

### Resumo

O presente texto expõe análise da pesquisa que objetivou investigar o discurso dos educadores ambientais em relação a outras epistemologias vivenciadas durante o processo formativo de educadores ambientais a partir de experiências com a etnia Guarani, na aldeia em formação *Ara Hovy*, em Itaipuaçu, município de Maricá, Rio de Janeiro. Ressalta as cosmovisões presentes na cultura deste grupo étnico, a fim de compreender e elucidar as epistemologias emergentes. A análise do discurso pedagógico, segundo a demanda dos educadores ambientais, partiu da concepção de uma educação ambiental emancipatória e crítica, voltada para o exercício da cidadania, fundamentada na construção de um ambiente educativo. Esta análise, amparada em LEFF (2002), LOUREIRO (2012), MORIN (2000), MATURANA (2001), FREIRE (1987), dentre outros configurou-se em edificar diferenciados ambientes educativos, revelando um movimento de novas trajetórias pedagógicas, fundamentadas numa convivência de profunda sinergia, cuja postura emancipatória potencialize transformar a realidade das vigentes questões socioambientais.

**Palavras-chave:** educação ambiental, saberes tradicionais e formação crítica.

### Introdução

Apesar do avanço em vários setores, o atual padrão de desenvolvimento revela que a sociedade tem privilegiado a informação e o conhecimento científico, o que vem produzindo o aniquilamento dos saberes tradicionais. A ciência tem determinado a valorização do empirismo e da lógica, segundo um pensamento baseado na racionalidade científica. Este ponto de vista vem configurar um erro de percepção e compreensão da realidade.

O uso centrado na razão tem conduzido a uma falsa percepção e levado à mutilação do conhecimento. Diante da crise latente apresentada pelo atual modelo societário, faz necessário discutir a dinâmica das desigualdades socioambientais e firmar

o enfrentamento de tais problemas. O atual modelo de sociedade é respaldado em relações desiguais, com objetivo de garantir um bom padrão econômico a grupos restritos.

É neste contexto que a educação ambiental dedica romper e encaminhar um enfrentamento a lógica hegemônica dos desequilíbrios ambientais que a crise ambiental nos apresenta. A educação ambiental revela um importante papel na luta em superar tais paradigmas da sociedade moderna. Mediante a militância do educador ambiental frente as distorções sociais e desequilíbrios ambientais, sua postura concorre para formar um cidadão que passa a ter uma relação ecológica com o meio ambiente.

Os problemas socioambientais estão sendo analisados em uma perspectiva hegemonzante, cujas responsabilidades e compreensão desses problemas se realizam segundo uma visão simplista e reducionista que decompõe e fragmenta a questão, fazendo parecer que para o encaminhamento das resoluções da problemática seja conduzida por ações pontuais e individualizadas.

É necessário compreender a concepção de que o meio ambiente em sua complexidade é um bem comum de todos. Dessa forma, é mister assegurar que as necessidades coletivas estejam garantidas, e não apenas de uma parcela reduzida da sociedade. Todos possuem igualmente o direito de usufruir o meio ambiente a partir de relações justas e equilibradas. É substancial levar em consideração que as aspirações por liberdade, igualdade e a fraternidade traduzam em um esforço de emancipação social.

É nesse sentido que o sistema técnico hegemônico aparece como algo absolutamente indispensável e a velocidade resultante como um dado desejável a todos que pretendem participar de pleno direito, da modernidade atual. Todavia, a velocidade atual e tudo que vem com ela, e que dela decorre, não é inelutável nem imprescindível. Na verdade, ela não beneficia nem interessa à maioria da humanidade. (SANTOS, 2006, p.61).

Incorporar a dinâmica das relações dialógicas de outras epistemologias nos projetos políticos pedagógicos, oportuniza a sociedade a vivenciar o diálogo contínuo e cria parâmetros e princípios para que a inclusão, solidariedade e a ética proporcionem a construção dos valores socioambientais. Portanto, mudar o nosso modo de ver, o nosso olhar, cria uma possibilidade de reflexão e estudo. Nesse sentido, é importante compreendermos as nossas experimentações cotidianas trazendo a perspectiva que nossas ações no mundo traduzam na construção de um mundo melhor.

Vou definir como ponto de partida o observador observando, e o observar. Porque um observador como nós, no que nos acontece, é o que queremos explicar, ou o que eu quero explicar. Como fazemos o que fazemos? Como posso dizer: eis aqui um suporte de microfone?

Notem que esta preocupação sobre como é que conhecemos não tem absolutamente nada de trivial, porque vivemos um mundo centrado no conhecimento. Estamos continuamente atuando uns sobre os outros, exigindo uns dos outros esses ou aqueles comportamentos em função de petições cognitivas: "Você tem que fazer isto porque eu sei que isto é assim", ou "Eu sei que isto é assim; se você não faz assim, está equivocado, não é consistente", ou algum outro comentário parecido. De modo que esta ação do conhecer, de como conhecemos, como se validam nossas coordenações cognitivas, não é de modo algum trivial. Ela pertence à vida cotidiana. Estamos imersos neste momento a momento. Por isso somos nós, observadores, o ponto central da reflexão e o ponto de partida da reflexão. (MATURANA, 2001, pp.26-27).

Entabular um processo educativo em todas as modalidades de ensino no qual a educação ambiental esteja voltada as classes populares, torna-se um desafio para a educação ambiental. Para que o universo do cotidiano do aluno seja valorizado, construído a partir de uma *práxis* libertadora, é fundamental assegurar ao educando para que se torne o protagonista de sua história a propiciar a consciência crítica; portanto nesse sentido estará liberto da ideologia dominante do pensamento hegemônico.

A percepção da dialogicidade revela um contexto no qual o ser humano relaciona-se com a natureza de forma que tem a capacidade de modificar-se indo de contraponto de natureza harmônica. A compressão que os processos naturais têm despontado de forma diferenciada na atualidade, existindo muitas particularidades e desdobramentos e atinge grandes dimensões. As bases coletivistas potencializam a conscientização dos indivíduos. Sendo assim, a visão de que o indivíduo se torna sujeito, numa dimensão individual e coletiva/recíproca, e que pode intervir no mundo, passa a ser construída.

Os homens, pelo contrário ao terem consciência de sua atividade e do mundo em que estão, ao atuarem em função de finalidades que propõe, e se proporem, ao terem o ponto de decisão de sua busca em si e em suas relações com o mundo, e com os outros, ao impregnarem o mundo de sua presença criadora através da transformação que realizam nele, na medida em que dele podem separar-se e separando-se podem com ele ficar, os homens, ao contrário do animal não somente vivem, mas existem e sua existência é histórica. Se a vida do animal se dá em um *suporte* atemporal, plano, igual a existência dos homens se dá no mundo que eles recriam e transformam incessantemente. Se, na vida do animal, o aqui é mais que um "habitat" ao qual ele "contrata", na existência dos homens o *aqui* não é somente um espaço físico mas também um espaço histórico. Para o animal, rigorosamente não há um aqui, um agora, um ali, um amanhã, um ontem, porque, carecendo da consciência de si, seu dever é uma determinação total. Não é possível ao animal sobrepassar os limites impostos pelo *aqui* pelo agora ou pelo *ali*. Os homens, pelo contrário, porque são consciência de si e assim, consciência do mundo, porque são um "corpo consciente", vivem uma relação dialética entre os condicionamentos e sua liberdade. (FREIRE, 1987, p. 51, grifos do autor).

Em uma sociedade marcada pelas relações do capital praticada pela burguesia, o meio ambiente nesse sentido encontra-se subjugado as cidades e ao processo de industrialização o que determina a concentração de propriedade e poder. Nesse sentido, estamos desconectados dos ciclos da natureza, ou seja, a sociedade é construída e moldada a fim de somente atender a um padrão de produção. Satisfazer as necessidades imediatas de consumo passa ser o pensamento dominante. Marx cita que

as pequenas fábricas de artesões se tornaram grandes fábricas, gerando grandes capitalistas. Quanto aos operários, Marx compara-os a soldados, devido a sua forma de organização dentro das fábricas; buscando o fim último para o burguês o lucro, que não existe a diferença entre sexos, mulheres e crianças, o que resta são apenas, “instrumentos de trabalho”. Dessa forma, entende que “O proletariado passa por diversas etapas de desenvolvimento. Sua luta contra a burguesia começa com o nascimento” (MARX, 2002, p. 37).

A educação ambiental revela um comprometimento com o saber ambiental e na construção de novas identidades. O saber ambiental ele instiga as ciências a vislumbrar um horizonte quanto ao debate das questões socioambientais. A procura por caminhos que entrelaça o diálogo de saberes entre variadas identidades abre novos caminhos para a interdisciplinaridade, o saber ambiental não se traduz em um conjunto de conhecimento previamente determinado ele converge uma expectativa de variados caminhos alternativos a fim de compor o saber no qual há uma a valorização e pertencimento dos saberes vivenciados e experienciados. Quanto a necessidade de uma análise interdisciplinar Compreender o nosso histórico ambiental que revela inúmeros problemas e divergências em relação a sua terminologia. Em virtude das diferenciadas formas de conceito, um dos primeiros pensamentos que elaboramos, é que se existe uma educação que é ambiental deve existir também uma educação a formar um sujeito ecológico.

O sujeito ecológico, nesse sentido é um sujeito ideal que se sustenta a utopia dos que creem nos valores ecológicos, tendo, por isso, valor fundamental para animar a luta por um projeto de sociedade bem como a difusão desse projeto. Não se trata, portanto, de imaginá-lo como uma pessoa ou grupo de pessoas complementarmente ecológicas em todas as esferas de suas vidas ou ainda como um código normativo a ser seguido e praticado em sua totalidade por todos os que nela se inspiram. Em sua condição de modelo ideal, é, pois importante compreender quais são os valores e crenças centrais que constituem o sujeito ecológico e como ele opera como uma orientação de vida, expressando-se de diferentes maneiras por meio das características pessoais e coletivas de indivíduos e grupos em suas condições sócio históricas de existência. (CARVALHO, 2012, p.67).

A interação entre o homem e a natureza traz novas concepções, tanto no sentido evolutivo como no dialógico. As relações sociais não abrangem apenas as interações entre as pessoas e grupos ou classes, elas envolvem também a natureza perceber as transformações que ocorrem natureza acarreta em transformação do indivíduo. A compreensão dialética sociedade–natureza estabelece que, por maiores descobertas no campo da ciência e tecnologia, não será possível em tempo algum nos desconectarmos da natureza.

Para o equilíbrio das relações do homem com meio ambiente, é imprescindível que o processo educativo esteja posicionado no homem. Presentemente percebemos um grande desequilíbrio das relações humanas que passa a simplificar os processos. Segundo Freire (1987), o mundo mais humano de suas justas aspirações, contudo, é a contradição antagônica do “mundo humano” dos opressores, mundo que possuem como direito exclusivo e em que pretendem a impossível harmonia entre eles, que “coisificam”, e os oprimidos, que são “coisificados”. Afirmo que vivemos em um momento de grande degradação principalmente das relações humanas e a qualidade de vida vem declinando significativamente, fruto do paradigma da modernidade e do capitalismo. Essa propensão ocorre a nível global. Mesmo que os problemas ambientais se manifestem de maneira diferenciada, eles acentuam de forma planetária nos diferentes segmentos das classes sociais.

Se o que caracteriza o homem é essa ambivalência entre o ser e o pensar, a questão da complexidade não se reduz ao reflexo de uma realidade complexa no pensamento. A complexificação do mundo é o encontro do ser, em vias de complexificação, com a construção do pensamento complexo. Isso implica repensar toda a história do mundo é o encontro do ser, em vias de complexificação, com a construção do pensamento complexo. Isso implica repensar toda a história do mundo a partir da cisão entre o ser como ente, do “erro platônico” que ofereceu fundamentos falsos à civilização ocidental: que engendrou a ciência moderna como dominação da natureza; que produziu a economização do mundo e implantou a lei globalizadora e totalizadora do mercado. (LEFF, 2002, p.192).

Partindo dessa perspectiva, o discurso pedagógico da dialogicidade na convivência com outras epistemologias, tem um grande papel ao contribuir na fundamentação de uma sociedade imbuída na percepção que valoriza os princípios socioambientais e que a dialogicidade com outras epistemologias possibilitem compreender a cosmovisão dos povos ancestrais em relação aos seus saberes da terra, que são repassados da dinâmica das relações dialógicas. Portanto quando tais saberes são

vivenciados nos projetos políticos pedagógicos a sociedade passa ter a experiência do diálogo contínuo e criar parâmetros e princípios para a inclusão, solidariedade e a ética proporcionem a construção dos valores socioambientais.

## **As percepções dos educadores ambientais na convivência com os Guaranis**

O estudo empírico dessa pesquisa teve como metodologia, uma pesquisa qualitativa, que vem atender a pressupostos da especificidade da pesquisa em que não é possível a sua quantificação. Estabeleceu uma estreita associação entre sujeito e objeto enfocando aspectos interativos presentes nos discursos dos entrevistados<sup>1</sup>.

Os procedimentos metodológicos para geração dos dados aqui apresentados envolveram uma pesquisa bibliográfica, na qual buscamos encaminhar as discussões no desenvolvimento da pesquisa.

A fim de proporcionar o entendimento do problema de pesquisa, a investigação ponderou sobre elementos da cultura Guarani, de forma dialógica, com as observações participantes durante os trabalhos de campo. Tal metodologia proporcionou a participação direta de integrantes da comunidade Guarani da aldeia *Ara Hovy* em Itaipuaçu, no município de Maricá no Rio de Janeiro e dos educadores ambientais participantes do processo formativo do projeto *Outras Epistemologias no Processo Formativo de Educação Ambiental*<sup>2</sup> e experiências vivenciadas em imersões realizadas no sítio *Anahí* em Areal e oficinas na UFRRJ. Procurei fundamentar uma base epistemológica ampliada pelo diálogo de saberes, para pensar epistemologicamente princípios pedagógicos a contribuir na consolidação da vertente crítica da educação ambiental

O estudo abre a seguinte indagação: estamos vivendo um processo de disjunção, redução e a abstração que nos priva de refletirmos sobre nós mesmos? Portanto, trouxe o questionamento que, na atualidade, segundo o pensamento hegemônico, ao afirmar o conhecimento científico indica que o ser humano é formado por apenas uma única temporalidade, no qual o corpo físico biológico e psicológico não se integram a um contexto histórico, cultural e social, não fazendo parte da complexidade da natureza,

---

<sup>1</sup> Os nomes expostos neste trabalho foram elegidos pelo pesquisador para que fosse garantido o anonimato aos participantes entrevistados.

<sup>2</sup> Compreendemos neste estudo que o reencontro com o natural, promove diferenciadas leituras de mundo. O projeto *Outras Epistemologias* (Interinstitucional – UFRRJ/UniRio) no Processo Formativo de Educação Ambiental promoveu a realização de ambientes educativos a partir de experiências vivenciais com o objetivo de ressignificar as leituras-mundo dos educadores ambientais em formação e fomentar o questionamento da atual realidade, declarando a possibilidade de ampliarmos as formas de enfrentamento da atual crise socioambiental, a partir de outras epistemologias e cosmovisões, em que o sentido de integração ser humano, coletividade e natureza seja ponto central desse processo.

acarreta na exclusão de outras formas de conhecimento gerando um epistemicídio<sup>3</sup>. Utilizando-se de procedimentos e métodos validados como científicos, negligencia-se os saberes tradicionais, não valorizando os costumes alternativos. O conhecimento não traz consigo as percepções das visões de mundo, o conhecimento não deve refletir teorias que estejam fechadas as multiplicidades de olhares do mundo.

Nossos sistemas de ideias (teorias, doutrinas, ideologias) estão não apenas sujeitos ao erro, mas também protegem os erros e ilusões neles inscritos. Mas também protegem os erros e ilusões neles inscritos. Está na lógica organizadora de qualquer sistema de ideias resistir à informação que não lhe convém ou que não pode assimilar. As teorias resistem à agressão das teorias inimigas ou dos argumentos contrários. Ainda que as teorias científicas sejam únicas a aceitar a possibilidade de serem refutadas, tendem a manifestar esta resistência. Quanto às doutrinas, que são teorias fechadas sobre elas mesmas e absolutamente convencidas de sua verdade, são invulneráveis a qualquer crítica que denuncie seus erros. (MORIN, 2000, p.22).

A sociedade moderna tem intensificado o processo de desvalorização e exclusão dos saberes tradicionais por não referenciar tais valores. O ideal de modernidade se sobrepõe a essas comunidades, negando toda uma compreensão construída em outros contextos históricos e culturais. O estudo da pesquisa inicialmente nos orienta para o entendimento da reflexão do contexto da Educação ambiental e a formação de educadores ambientais, trazendo a interlocução da questão ambiental e o contexto da crise de paradigmas.

A investigação partiu de um sentimento de empatia em relação a um modo diferenciado de pensamento, à *práxis* da educação ambiental a proporcionar e indagar as causas e origens, da crise socioambiental, problematizando o pensamento cartesiano da racionalidade científica. A pesquisa referenciou um debate no qual possamos encaminhar e aprimorar as nossas relações, afim de consolidar o diálogo, para que dialogicidade determine um senso crítico e problematizador a educação ambiental a fim de criar uma consciência ecológica.

---

<sup>3</sup> Compreendemos epistemicídio como a subalternização do saber ao conhecimento; ou seja, ele acarreta a morte de um conhecimento local por uma ciência alienígena. Tenho vindo afirmar que nos encontramos em uma fase de transição paradigmática, entre o paradigma da modernidade, cujo sinais de crise me parecem evidentes, e um novo paradigma com um perfil vagamente descortinável, ainda sem nome e cuja ausência de nome se designa por pós modernidade. Tenho mantido que essa transição é sobretudo evidente no domínio epistemológico: por baixo de um brilho aparente, a ciência moderna, que o projeto da modernidade considerou ser a solução privilegiada para a progressiva e global racionalização da vida social e individual, tem se vindo a converter, ela própria, num problema sem solução, gerador de recorrentes irracionalidades. Penso hoje que essa transição paradigmática, longe de se confinar ao domínio epistemológico, ocorre no plano societal global. (SANTOS, 1994).



Tal processo é alcançado mediante a construção de um pensamento fundamentado em uma *práxis* educadora crítica, que valorize o cotidiano do educando, sendo que a sua realidade é desvelada e transformada através do processo dialógico de autoconhecimento e intervenção. Cada vez desejamos ter mais e não pensamos nas necessidades individuais e coletivas dos que estão a nossa volta. Passamos a nos desconectar dos ciclos da natureza, a sociedade passa a ser construída e moldada com o intuito de atender a um padrão e a uma dinâmica da produção. Satisfazer individualmente as necessidades imediatas de um consumismo desenfreado passa ser o pensamento dominante que move as pessoas como objetivo de vida. As consequências ambientais e sociais geradas por esse padrão altamente impactante e degradante não levam a uma reflexão por parte das pessoas alienadas por essa inculcação ideológica.

A revisão bibliográfica desencadeou a etapa inicial desse estudo, em seguida foram realizadas oficinas na UFRRJ e no sítio Anaí em Três Rios. Em seguida ocorreram imersões na aldeia em formação *Ara Hovy*. Foram realizadas entrevistas participantes do processo formativo de educadores ambientais.

As entrevistas aplicadas foram semiestruturadas, com ampla participação dos entrevistados, e foram conduzidas de forma que o universo do entrevistado fosse respeitado. Elas foram realizadas com os quatro Guaranis da aldeia em formação *Ara Hovy* e com 2 pesquisadores e 3 educadores ambientais, que participaram da vivência nas imersões, durante o processo de formação de educadores, do Projeto “Outras Epistemologias no Processo Formativo de Educação Ambiental”. Para Cosaro e Molinari (2003, p.151), a imersão tem a finalidade de proporcionar ao pesquisador um papel interpretativo das ações do cotidiano “a fim de que a compreensão das ações estabelecidas no cotidiano através da observação e da análise dentro do contexto social que estejam ocorrendo”. A vivência no cotidiano da aldeia refletiu uma multiplicidade de significados que tomam um sentido maior quando juntarmos as informações de forma integrada.

Para obter a sistematização das experiências do material de campo, obtido durante o processo formativo dos educadores ambientais, ao longo das observações-participantes do cotidiano das cosmovisões durante o campo, juntamente com as anotações do diário de campo, pude descrever minhas impressões sobre as visões sagradas dos Guaranis, vivenciando os saberes da terra.

Em relação às percepções dos educadores ambientais em formação, as entrevistas, foram fundamentais para captar suas percepções a respeito da participação nas vivências

e da potencialidade de dialogar com os saberes da terra. A interatividade entre os professores e os Guaranis foi crucial para a construção dessas concepções.

Em diversos momentos do campo, durante a imersão, pude evidenciar e refletir diante da convivência com os Guaranis, a potencialidade da reflexão e a dialogicidade como o elo de conexão com a “mãe terra”, tendo os Guaranis a característica de serem atentos e presentes à todo o universo que compõe a aldeia. Em sua cosmovisão, todas as aldeias são formadas por uma quantidade de integrantes que compõem uma grande família, e esta não se restringe apenas àquela aldeia, pois em qualquer uma, onde haja a presença da etnia Guarani, há este pertencimento familiar. A oralidade representa o fortalecimento da conectividade entre todos. A imersão trouxe uma perspectiva de profunda integralidade aos processos de pertencimento à natureza, segundo apontado no depoimento:

- [...] afirma, é a aprendizagem coletiva, o desenvolvimento é pessoal também é o desenvolvimento coletivo e o desenvolvimento coletivo também é o desenvolvimento pessoal, essa dialética está presente e eu acho que isso é uma coisa muito importante e eu tenho feito isso na minha prática cotidiana docente (Pesquisador, Carlos).

Constituir uma reflexão sobre as relações de poder, voltada para a construção do saber, implica em uma valorização dos diferentes conhecimentos e contrapõe-se à interpretação ao desconstruir o fundamento da colonialidade. A convergência das visões cosmológicas em relação à variabilidade cultural, proporciona uma contribuição para que a dialogicidade determine um senso crítico e problematizador.

As lutas sociais também são cenários pedagógicos onde os participantes exercem suas pedagogias de aprendizagem, desaprender, reaprendizado, reflexão e ação. Ele só é reconhecer que as ações específicas para alterar a ordem da partida potência colonial frequentemente identificação e reconhecimento de um problema, anunciar o desacordo e em oposição à condição de dominação e opressão, organizar a intervir; objetivo: derrubar a atual situação e fazer outra coisa possível. (WALSH, 2012, p. 8).

O processo formativo dos educadores ambientais deve proporcionar a compreensão complexa da problemática socioambiental, no qual o educador ambiental possa intervir pedagogicamente sobre a realidade em sua prática ambiental crítica, em que possibilita o exercício de indivíduos conscientes, atuantes coletivamente, na formação do sentido de sua cidadania. Conforme sinaliza o depoimento de um dos entrevistados nesta pesquisa,

- [...] processo educacional fica na minha vivência no dia a dia, nas minhas relações, como é que é a maneira que eu convivo na minha casa,

como é que é a relação que eu convivo na minha maneira de comprar, de consumir, de gastar. (Educador Evandro).

Trazer práticas de caráter emancipador nos remete a um fazer integrado à natureza, implicando em mudanças individuais e coletivas, locais e globais, subsequentemente salientado nessa entrevista. Nesse contexto é de grande significado o pertencimento aos ciclos da natureza, portanto é de vital importância trazer a reflexão de superar as visões fragmentadas e reducionistas das questões socioambientais segundo o depoimento de um dos entrevistados

- Conforme a cosmovisão do Guarani Juraci “Bom, na minha visão, assim, o *Jurua*, acho que precisa ter mais assim, cuidado com a natureza, com a terra, valorizar mais. Eu vejo que o *Jurua* precisa saber valorizar a natureza, acho que é isso. (Guarani Juraci).

O modelo de sociedade capitalista enveredou-se por estar no mundo de forma disjunta. Não podemos ter um posicionamento de superioridade e vivenciar a incapacidade de compreender a natureza. A fim de sobrepujar a cultura capitalista de forma global e planetária, renunciou-se aos ciclos do tempo e a dinâmica cósmica. O pensamento ocidental tornou-se obsessivo por perseguir a essência das coisas e a imutabilidade do tempo. Conforme certificado no testemunho em entrevista de campo:

- Eu vejo que hoje muitos, maiorias principalmente, *Juruas*, são muito capitalistas, eles pegam às vezes assim, que nem essa área de proteção ambiental, eles pegam mais às vezes é mais pensando na atividade de recurso [...] (Guarani Ubirajara).

- [...] nós índios Guarani principalmente nós não tendo a terra, a mata para nós é uma riqueza, assim, então nela então a gente consegue tirar alguma coisa de sustento se houver algum espaço, algum lugar, a gente planta [...] (Guarani Ubirajara).

Trazer o sentido para a nossa existência permite a reconexão com a terra e a centralidade de nossa existência, revelando que as formas de existir e conviver, vem compor o alicerce do pensamento, que de forma consciente moldam o nosso discurso. Com isso os indivíduos e interagem e dialogam elaborando o pensamento mediante os paradigmas nos quais estão inseridos, fortalecendo uma contra-corrente, no que refere à relação do ser humano com os ambientes, dessa forma encontraremos a constituição do protagonismo de um outro educador.

## Considerações finais

O paradigma da modernidade referenda um projeto sociocultural, que incorpora muitas contradições. Esse paradigma não se desenvolve de forma linear, pois carrega uma caracterização imbuída do colapso do processo da modernidade, incorporado ao processo do desenvolvimento e da trajetória do capitalismo. Para assegurar a dialética e romper o modelo societário dominante e agenciar um princípio ético e vivenciar práticas que permitiram orientar a nossa relação com a natureza; inspirando a autoconstrução do ser social e uma relação diferenciada com o meio. Nessa continuação, as práticas dos educadores do campo traduzem a efervescência do pensamento, a mudança de entendimento de um processo educativo orientado na construção de um saber, que oriente a idealização de um mundo de equidade, e nós reconhecemos como os sentidos culturais, que se produzem a partir da multiplicidade de relações dialógicas.

Acreditamos que a perspectiva da educação ambiental crítica contribui na construção de novas relações entre ser humano, sociedade e natureza, na percepção/ação de educadores ambientais em sua *práxis* em conduzir uma concepção educacional que traga respostas às inquietudes do educador ambiental.

É pertinente ressaltar que a identidade do educador ambiental tem o atributo de problematizar o pensamento científico proposto pela racionalidade científica, contudo tal posicionamento afirma mediante ao embate a valores que são hegemônicos na sociedade.

A lógica mercadológica impõe parâmetros em relação à educação ambiental, embasados em um projeto fundamentado na desconstrução de valores dos saberes ancestrais. Percebemos que seus princípios têm apenas a perspectiva de extrair conhecimento afim de incorporar aos anseios do processo produtivo. Com isso, revela uma ascendente degradação dos ecossistemas. Tal fenômeno não está relacionado apenas a uma questão ecológica que se relaciona eminentemente com os impactos antrópicos, ocasionados aos sistemas naturais.

A degradação ambiental é apenas uma das consequências de como estamos nos relacionando com a natureza. Essas consequências pontuam na proeminente crise de uma sociedade na qual a ameaça não é apenas aos fenômenos naturais, Os valores que ela tem fomentado é de grande preocupação para as gerações atuais e futuras, portanto, devemos não apenas repensar as nossas atuais matrizes energéticas, mas sim em como está ocorrendo o impacto desse processo produtivo que traz muitas consequências a comunidades tradicionais devido à fragilidade não apenas em esboçar oposição a este

modelo vigente, mas pela eminente fragmentação de seu território de seus saberes e a conexão que vivenciam com seus ancestrais.

Dessa forma, identificamos elementos constitutivos de uma outra visão de mundo, a serem utilizadas como referenciais epistemológicos e pedagógicos, durante a formação de educadores ambientais do projeto “Outras Epistemologias no Processo Formativo de Educação Ambiental”, que possibilitou incorporar o reconhecimento da dinâmica das relações humanas à Educação Ambiental, cuja centralidade destas relações estejam voltadas a potencializar uma ação pedagógica.

Nas narrativas dos entrevistados, tais percepções traduziram-se em um movimento contra-hegemônico crítico ao modelo científico mecanicista, na construção do saber e sua conseqüente percepção de mundo, cujo o entendimento orientou na construção de um novo saber, que conduza à idealização de um mundo de equidade, ao reconhecerem com novos sentidos culturais, produzidos a partir da multiplicidade de relações dialógicas.

Os aspectos e elementos da cultura Guarani puderam referenciar o processo de formação de educadores ambientais e perceber que estamos em um modo vivencial, que está fundamentalmente centralizado em uma visão restritiva no ter e pouco valorizado no ser. Assim foi possível entender a relevante contribuição da convivência pedagógica para pensarmos a construção do mundo a partir da reflexão de uma outra cosmovisão. Nesse contexto, a educação ambiental transcende as diferentes visões de mundo, a construção do saber é absorvido pelo meio natural, e responde ao estímulo da conscientização em relação ao imaginário e à linguagem do pensamento do ser humano. Quando é versada a conscientização, novos horizontes são ultrapassados, e o diálogo passa a ser o direcionador desse movimento de conscientização.

Fundamentar o processo formativo por meio de um diálogo com os saberes da terra dos Guarani, permitiu o estranhamento de um modo de vida impregnado em um “caminho único”, imposto por uma racionalidade instrumental da sociedade capitalista.

Ao experienciar o diálogo, promovemos o encontro de sujeitos, ideias e pensamentos. A polaridade de como asseguramos as nossas ações no mundo, revela a potencialidade de construir relações dialógicas, nessa logicidade a contribuição do outro é fundamental. A convivência com os saberes da cultura ancestral Guarani permitiu a reapropriação do sentimento de pertencimento aos ciclos naturais.

### Referências bibliográficas

CARVALHO, I.C.M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico?** São Paulo, 6.ed, Cortez, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 24 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987b.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro, Editora Record, 2004. LAKATOS, E.M., MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo, 3.ed., Atlas, 1991.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. Tradução de Sandra Venezuela. Revisão técnica de Paulo Freire Vieira. São Paulo, 5 ed., Cortez, 2002.

LOUREIRO, C.F.B. **Sustentabilidade e educação: um olhar da ecologia política**. São Paulo, Cortez, 2012.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte. Editora da UFMG, 2001.

MORIN, E. **Os Sete Saberes necessários à Educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeane Sawaya. Revisão técnica Edgar de Assis Carvalho. São Paulo, 2 ed., Cortez, 2000.

SANTOS, B. S. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993 (editado em nov. 1994).

SANTOS, M. **Por uma outra globalização- do pensamento único à consciência universal**. Rio de janeiro, Record, 2006.

WALSH, C. **(De)Construir la interculturalidad**. Consideraciones críticas desde la política, la colonialidad y los movimientos indígenas y negros en el Ecuador”, *In: Interculturalidad y Política*, Norma Fuller (Org.). Lima, Red de Apoyo de las Ciencias Sociales, 2002.